

PERSEVERANÇA LÍQUIDA EM UM MUNDO FRAGMENTADO

Rogério Gomes, C.Ss.R.¹

Introdução

A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica publicou, no dia 27 de março de 2020, as orientações: *O dom da fidelidade: a alegria da perseverança*². O texto, dentro de seus limites, aborda um problema recorrente e preocupante na Vida Consagrada: a perseverança de seus membros. Organizado em 3 partes: 1) o olhar e a escuta, 2) reavivar o autoconhecimento e 3) separação do Instituto (regulamentação canônica e prática do dicastério), ele apresenta algumas causas para o abandono dos institutos, bem como algumas considerações e propostas para ajudar a refletir sobre o problema. Portanto, se o dicastério emite tal documento é porque o fenômeno afeta a Igreja de modo geral e quer ser uma reflexão sobre esta realidade que nos afeta também como Congregação.

1. Algumas teorias para iluminar a realidade

O problema da crise e da perseverança não é apenas da Vida Consagrada. Ele afeta o ser humano pós-moderno em suas opções pessoais e, principalmente, as instituições tradicionais: Família, Igreja, Escola e Política. Existem várias teorias filosóficas, psicológicas e sociológicas que buscam explicar a realidade do mundo atual a partir de vários pontos de vista. As metáforas ‘a ilusão do fim’, o simulacro³, o pluralismo e a crise de sentido⁴, a sociedade do espetáculo, do cansaço e da transparência⁵, a sociedade dos indivíduos e a autoconsciência⁶, a era do vazio, do efêmero, do crepúsculo do dever⁷, do pensamento fraco⁸ e do líquido: modernidade líquida, amor

¹ <http://lattes.cnpq.br/3342824164751325>

² Cf. CONGREGACIÓN PARA LOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA Y LAS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *El don de la fidelidad. La alegría de la perseverancia*. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana, 2020.

³ Cf. BAUDRILLARD, Jean. *La ilusión del fin*. La huelga de los acontecimientos. Barcelona: Anagrama, 1995; BAUDRILLARD, Jean. *Cultura y simulacro*. Barcelona: Kairós, 1998.

⁴ Cf. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidad, pluralismo y crisis de sentido*. La orientación del hombre moderno. Barcelona: Paidós, 1997.

⁵ Cf. DEBORD, Guy, *La sociedad del espectáculo*. Valencia: Editorial Pre-textos, 1999; HAN, Byung-Chul. *La sociedad del cansancio*. 2ªed. Barcelona: Herder, 2017; VATTIMO, Gianni (1994). *La sociedad transparente*. Barcelona: Paidós, 1994.

⁶ Cf. ELIAS, Norbert. *The Society of Individuals*, by Norbert Elias. New York: Continuum, 2001.

⁷ Cf. LIPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío*. Barcelona, Anagrama: 1986; LIPOVETSKY, Gilles. *El crepúsculo del deber*. La ética indolora de los nuevos tiempos democráticos, Anagrama. Colección Argumentos: Barcelona, 1996; LIPOVETSKY, Gilles, *El imperio de lo efímero*. Madrid: Editorial Anagrama, 1990.

⁸ Cf. VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo. *Il pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, 2010.

líquido, vida líquida, medo líquido, tempos líquidos, arte líquida e vida em fragmentos⁹ são esforços em compreender o mundo fragmentado em que vivemos.

Na realidade, o que estamos vivendo é uma crise de identidade pessoal, coletiva e institucional. Quem sou? Como me relaciono? O que espero das instituições? Diante do impacto das mudanças sociais e tecnológicas, o indivíduo tem que se reinventar a todo momento e não há tempo para amadurecer suas opções. De certa forma, o próprio contexto o obriga a fazê-lo e acaba se tornando uma questão mímica e de sobrevivência. Para citar um exemplo: no passado, a pessoa entrava no mundo do trabalho, acumulava experiências, criava vínculos relacionais com outros colegas, tinha certa estabilidade e formava sua família a partir do trabalho. Assim, muitas vezes, os próprios filhos acabavam escolhendo a profissão de seus pais porque se identificavam, de certo modo, com ela. No contexto atual, além dos requisitos de experiência, competência e atualização, a permanência nos postos de trabalho é muito curta (é do interesse do sistema) e, para sobreviver, o sujeito tem que se dobrar em outros trabalhos, o que acaba por lhe tirar o tempo de convivência com seus pares: família, amigos e a possibilidade de pensar nas próprias opções fundamentais, amadurecendo-as. Nesse sentido, a conjuntura atual, com todos os seus avanços, favorece a superficialidade, visto que o indivíduo está preso em uma teia tão complexa de relações, pautada pela rapidez e eficiência, que o leva amadurecer cronologicamente, mas pode permanecer imaturo ao nível de opções fundamentais e duradouras.

Há alguns anos Giuseppe Tacconi fez uma extensa pesquisa a partir de vários autores que buscam explicar a crise na vida religiosa. Ele alerta que todas essas leituras têm seus limites e não podem dar uma resposta por si mesmas; devem ser lidas em conjunto e de modo aberto. Ele assinala seis interpretações:

1. *Interpretação de natureza ética*: em virtude da crise de valores na sociedade e da indiferença ao Evangelho e à religião. Assim, a vida religiosa, como afirmação do primado de Deus e como *sequela Christi* (seguimento), seria impraticável e impossível. Soma-se a isso a perda da radicalidade da vida consagrada, tornando-se secularizada e menos espiritual.
2. *Interpretações sociológicas*: o deslocamento sofrido pela vida religiosa no contexto social e eclesial. Com as grandes transformações sociais, as Congregações, principalmente àquelas com obras sociais muito especializadas, acabam por perder sua relevância social. Isso ocorre por conta das novas realidades assistenciais, como *caritas*, novos modelos de igrejas, com maior participação de leigos, ONGs e voluntariados; e, também, pelo fato de a vida religiosa assumir uma lógica separada da sociedade, sem fazer parcerias. Ademais, o contexto de Igreja provoca uma marginalização da vida consagrada que, muitas vezes,

⁹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000; *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003; *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004; *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005; *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006; *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006; *Arte, líquido?*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2007; *Vida em fragmentos*: Sobre ética pós-moderna. Zahar, 2011.

ao assumir tantas paróquias, torna-se suplemento para o clero diocesano e também garantia de segurança para si mesma. A diminuição do número de vocações e o envelhecimento dos membros colocam as obras em crise. As comunidades muito antigas e com poucos jovens não dão espaço para mudanças, porque o controle está nas mãos dos mais velhos. Há, também, as transformações das relações de gênero dentro da vida religiosa, à medida que as religiosas começam a exigir maior igualdade dentro da Igreja. Soma-se, ainda, a dificuldade em gerir a passagem de um modelo de vida religiosa, situado em um contexto bastante homogêneo de cristandade, para um modelo cada vez mais complexo e secular.

3. *Interpretações psicológicas*: o problema da autorrealização e os conflitos entre autorrealização e vida comunitária, que geram desilusão e crise. A falta de realismo ao experimentar a perda de contato com a realidade concreta, a vivência do tempo e um hiperativismo maníaco, que muitas vezes esconde angústia, insatisfação e pessimismo. A fragilidade nos processos decisivos, que são lentos, frágeis e sempre adiados, sem o devido confronto e a necessária projeção no tempo e no espaço; o problema da autorreferencialidade, a dificuldade de sair de si e o empobrecimento das relações; a inércia, a rotina, a acomodação no que já existe e a crise de identidade como pessoas religiosas. Se sabe como ser religioso, mas não o porquê de sê-lo. Essa crise não é apenas dos indivíduos, mas também de identidade coletiva e desafia os religiosos a passar de um movimento de simplificação à complexidade, com novas dinâmicas e sínteses, de modo a aproximar as diferentes identidades que vivem como homens e mulheres, cristãos, religiosos, cidadãos e profissionais.
4. *Interpretações históricas*: a transição entre um passado que já não existe e um novo que ainda não se pode ver. Isso não significa o fim da vida consagrada. Para sobreviver no tempo, muitas formas de vida religiosa mudaram com o tempo; muitas desapareceram, outras nasceram. Para progredir é necessário renunciar a um enrijecimento mortal. É importante ter a memória do passado para viver o presente com maior consciência.
5. *Interpretações teológicas*: alguns autores insistem que a crise da vida religiosa está na falta de aprofundamento da teologia da vida consagrada e na dificuldade de passar de um modelo teológico estático a um modelo dinâmico-evolutivo, capaz de dialogar com a cultura contemporânea; outros insistem na perda do referencial fundador, Jesus Cristo, e no surgimento de um modelo eclesial que passou, de uma centralidade em Jesus, a uma prática social; outros, que a situação de crise pode ser vista como rebaixamento, fraqueza, perda de significado como participação na cruz de Cristo.
6. *Interpretações pragmáticas*: o modelo de vida consagrada foi construído sobre a consagração e a missão (ser para). A sociedade secularizada colocou em crise as formas, as mediações e os instrumentos que se elaboraram em diferentes contextos históricos e que, atualmente, não respondem mais aos desafios.

Soma-se também a incapacidade que a vida religiosa tem de comunicar *ad intra* e *ad extra* expressada na falta de projetos globais. Além disso, a renovação pós-conciliar não atingiu a todos e permaneceu como um modelo do passado, de modo que a autocrítica não refletiu no desenvolvimento de novos modelos; demoliu-se sem edificar¹⁰.

As reflexões teóricas são importantes para compreender o fenômeno de forma ampla. No entanto, podemos correr o risco de vê-lo apenas como um fenômeno sociológico, causado pela situação atual, que entra em nossas comunidades, afetamos, e continuamos a acompanhar a vida como espectadores. “A realidade do abandono na vida consagrada é sintoma de uma crise mais ampla, que questiona as diversas formas de vida reconhecidas pela Igreja. Essa situação não pode ser justificada apenas citando causas socioculturais ou diante de uma resignação que leva a considerá-la como normal. Não é normal que depois de um longo período de formação inicial ou depois de longos anos de vida consagrada se decida pedir a separação do Instituto”¹¹. Creio que é hora de tocar nossas feridas e, sem buscar culpados, tomar nossa história em nossas mãos e, de modo muito sério, maduro, responsável, inquieto, esperançoso, com fé no Senhor da Messe e Pastor do Rebanho, pensar e enfrentar essa realidade em nossas comunidades. Não se trata de ver a realidade na perspectiva do pessimismo, mas do realismo e da busca de melhores soluções para tentar responder a um problema real.

2. Um olhar para a nossa realidade

Nos últimos tempos um grande número de confrades, alguns muito jovens, deixaram a Congregação em diferentes situações, solicitando licença de casa religiosa, exclausuração ou passagem às dioceses¹². De 2016 até hoje, analisando a documentação que chega ao Conselho Geral em matéria de ausências, exclausuração, expulsão, permissões, *graviora delicta*, temos os seguintes dados que devem nos levar a uma reflexão sincera, sem buscar bodes expiatórios.

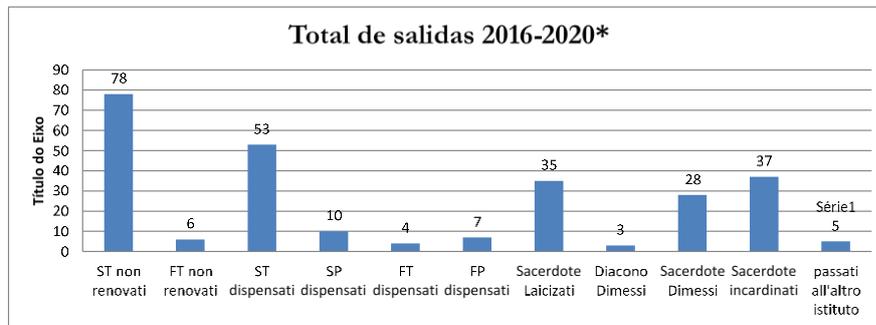
¹⁰ Cf. TACCONI, Giuseppe. *Alla ricerca di nuove identità: formazione e organizzazione nelle comunità religiose di vita apostolica attiva nel tempo della crisi*. Leumann (Torino): Elledici, 2001, p. 35-57.

¹¹ CONGREGACIÓN PARA LOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA Y LAS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. El don de la fidelidad. La alegría de la perseverancia, n.5.

¹² Cf. *Communicanda* 2/2019, n. 108.

SALIDAS DE COHERMANOS: 2016-2020¹

	no renovados		dispensados				Laicizados		Demitidos		incardinados	Clérigos y sacerdotes	Total
	ST ²	FT ³	ST	SP ⁴	FT	FP ⁵	Diacono	Sacerdote	Diacono	Sacerdote	Sacerdote	que pasaran a otro instituto	
16	23		8	1		2		1	1	5	1		42
17	12	2	18	3	3	4		8		8	11	3	72
18	9		9	3				4	2	11	9	2	49
19	21	2	11	1	1	1		18		3	13		71
20	13	2	7	2				4		1	3		32
	78	6	53	10	4	7		35	3	28	37	5	266



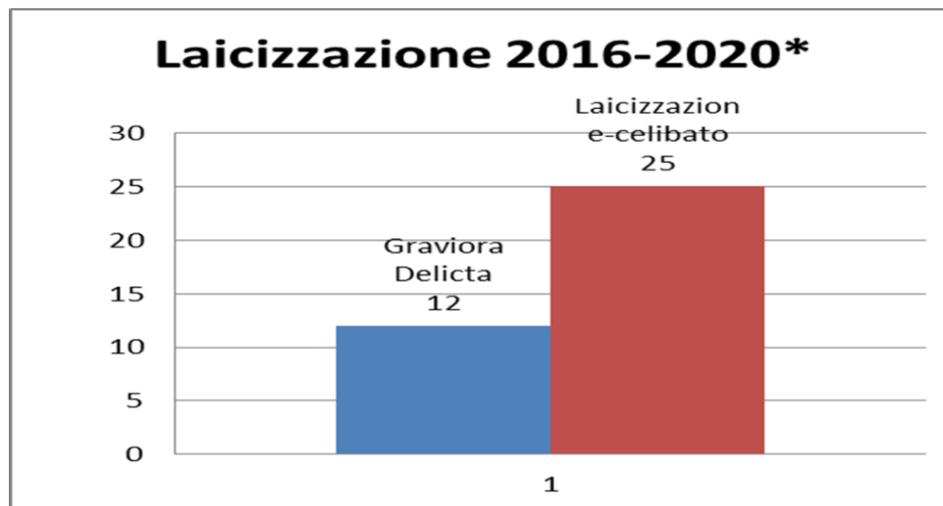
¹ Hasta 31 agosto 2020.

² Estudiantes (clérigos) con votos temporarios

³ Hermanos con votos temporarios

⁴ Estudiantes (Clérigos) con votos perpetuos

⁵ Hermanos con votos perpetuos



Diante desse fenômeno, a pergunta que devemos fazer é: o que podemos fazer como instituição (liderança, formação) para fortalecer a perseverança na Congregação? Analisando o número de jovens que ingressam em nossos seminários, observa-se uma grande redução no número da primeira profissão, diminuindo numericamente para a profissão perpétua e também para a ordenação. O que acontece? Embora os dados sejam aproximativos, uma vez que consideram o período de tempo (2016-2020), e não especificamente todo o período da primeira profissão à profissão perpétua de cada conferência, ainda assim, a redução é evidente. Além do número de saídas, deve-se considerar também o fenômeno inevitável de mortes. De 2016 até 31 de agosto de 2020 morreram 499 confrades em toda a Congregação. Se consideramos

o número de saídas e de mortes (menos 765 confrades) e que uma província para ser erigida deve ter 50 membros, então temos um número que equivale a 15 províncias a menos. Isso significa perda de força evangelizadora. Por sua vez, o número de 337 profissões perpétuas mostra um déficit e não substitui o número de saídas e óbitos. Os dados mais detalhados (*Cf. Archivos adjuntos por Conferencias, etc*).

PRIMERAS PROFESIONES													
	9100	9200	9300	9400	9500		9100	9200	9300	9400	9500	TOTAL	
	ST	ST	ST	ST	ST		FT	FT	FT	FT	FT		
2016	20	7	41	48	23	139	2	1	3	1	0	7	
2017	11	3	44	47	32	137	1	0	5	0	0	6	
2018	8	2	45	53	19	127	1	0	3	1	0	5	
2019	10	1	39	32	14	96	1	0	3	0	1	5	
2020*	8	5	34	38	4	89	0	1	2	2	1	6	
						588						29	617

PROFESIONES PERPETUAS											
	Europa-9100		Amer. N - 9200		Amer. L e C - 9300		Asia e Occ. - 9400		Africa e Mad. - 9500		TOTAL
	SP	FP	SP	FP	SP	FP	SP	FP	SP	FP	
2016	7	0	1	0	23	2	31	0	14	0	78
2017	8	0	4	1	19	1	32	2	12	0	79
2018	4	0	4	0	13	4	34	0	9	1	69
2019	3	1	5	0	25	3	22	1	11	0	71
2020	11	0	2	1	11		9	0	6	0	40
											337

ORDENACIONES							
	Europa-9100	Amer. N - 9200	Amer. L e C - 9300	Asia e Occ. - 9400	Africa e Mad. - 9500		
2016	16	5	21	28	13		83
2017	5	7	19	26	13		70
2018	8	1	17	22	17		65
2019	5	4	18	27	10		64
2020	1	0	7	2	6		16
							298

O que acontece com os confrades que chegam a essa situação? Desencanto com o estilo de vida e a missão? Modelos pastorais não atraentes para os confrades e também para o Povo de Deus? Falta de uma formação consistente que não os tenha conduzido ao discernimento antes da profissão perpétua? Dificuldade em dedicar uma vida inteira a um projeto duradouro? Ausência de vida espiritual? Vida comunitária que não oferece apoio para uma convivência alegre e afetiva? Falta de resiliência para trabalhar os conflitos comunitários e enfrentar dificuldades? Incompatibilidade do carisma congregacional com dons pessoais? Por que tantas passagens para a vida diocesana e a outros institutos? São pontos que devem ser refletidos e discutidos em nossas comunidades religiosas.

Analisando as respostas recebidas das [V] Províncias da Congregação na preparação do XXVI Capítulo, observa-se que um dos aspectos mais frágeis está ligado à formação inicial e, mais ainda, à formação permanente. A formação para a vida consagrada é confiada, na maioria das vezes, ao noviciado como panacéia e tempo de aprendizagem de todos os conteúdos relativos à vida consagrada. Posteriormente, a atenção se volta fortemente para a formação ministerial (fazer) em detrimento da consagração (ser). Como garantir uma formação inicial de qualidade se não há investimento pessoal e comunitário na formação contínua? Outra fonte de tensão e esgotamento é a vida comunitária. Por um lado, um comunitarismo autoritário, que sufoca a individualidade, ocupado em vigiar a vida alheia e, por outro, quase uma ‘diocesanização’, caracterizado pelo enfraquecimento do corpo missionário, em que o indivíduo se distancia de tudo e de todos. Como conciliar valores e carismas pessoais para equilibrar a experiência de nossa vida apostólica e ser um recurso para fortalecer a fidelidade e a perseverança? Como o processo de reestruturação pode nos ajudar nisso?

3. Fidelidade e o voto e juramento de perseverança (Const. 76)

A palavra fidelidade (*fidelitas-atis*) tem um conteúdo teológico e antropológico. A fidelidade está ligada ao ato de fé em si mesmo, em Deus, no outro (pessoa e instituição). Quer dizer, a observância da fé dada a ... O fiel (*fidelis*, derivado de *fides*) é aquele que observa a fé dada e que corresponde à confiança em quem a fé é depositada. Portanto, é um ato recíproco. Nesse sentido, é fundamental nos perguntar se as causas do abandono do Instituto não estão ligadas a uma crise de fé: a fé em Deus, na própria consagração, na missão e seus destinatários. Quando a pessoa tem consciência e coragem faz seu discernimento e vai embora, pois não encontra mais sentido. O contrário é verdadeiro e pode ser um problema tanto para o Instituto como para o Povo de Deus.

Nos primeiros anos da Congregação, Afonso, diante do problema da perseverança, instituiu o voto e o juramento de perseverança. Esse quarto voto é uma forma de contrariar a visão atual da transitoriedade e da liquidez dos compromissos, especialmente daqueles que exigem que as pessoas entreguem a sua vida a outrem ou a uma instituição. Nesse sentido, o voto de perseverança é um sinal para o mundo de que é possível comprometer toda a vida em favor daqueles que não têm ninguém ao seu lado. Neste caso, comprometemo-nos com o anúncio explícito da boa nova do Reino e, para isso, gastamos nossas vidas.

Perseverar não é se prolongar no tempo, de forma cronológica, até a morte. Pode ser que um confrade tenha muitos anos de vida redentorista e não seja perseverante. Apenas fez uma adesão formal à instituição como forma de sobrevivência e não um compromisso de sua própria vida com a missão. A perseverança envolve todo o ser, com suas fragilidades, dons e vontade de dar o melhor de si.

O voto de perseverança tem, em essência, o Cristo que perseverou em sua missão até o fim, dando sua vida na cruz. Perseverar é superar o cotidiano com fidelidade criativa e conformar cada vez mais a pessoa à missão do próprio Jesus e da Congregação. Só dessa maneira tem sentido “[...] o voto e juramento de perseverança, em virtude do qual se obrigam a viver na Congregação até a morte (*Const.* 76).

Conclusão: refletir como corpo missionário

Refletindo sobre esta questão complexa, que atinge não só a vida consagrada, mas também os casamentos, as amizades e o mundo do trabalho, as respostas não são óbvias e nem mágicas. Elas são resultado de uma experiência de ‘parto’, que devemos enfrentar juntos como corpo missionário. Talvez algumas pistas possam nos ajudar a ser mais conscientes e, assim, comecemos a pensar mais concretamente em estratégias para melhorar esse cenário. Seguem aqui alguns elementos:

Compreender a causa dos abandonos – Cada Governo (V) provincial e cada casa de formação tem uma ideia dos fatores que levaram a pessoa a abandonar o seu caminho. É importante discernir quais são as dificuldades / (des) motivações do indivíduo e também qual é a própria deficiência da instituição em ajudá-lo. Uma análise coerente também está disposta a fazer uma autoavaliação institucional.

Investir recursos humanos e financeiros na pastoral vocacional – Existem realidades na Congregação onde há jovens, mas as (V) Províncias não investem nos confrades para que, de fato, possam ser liberados para esta obra missionária. É necessário investir em confrades que tenham *feeling* para trabalhar com jovens ou pelo menos que se permitam assessorar para fazer um bom trabalho. Hoje, mais do que divulgar o carisma, é necessário compreender quem é o jovem, seu mundo, suas feridas, suas qualidades e sua abertura para fazer um compromisso duradouro. Uma pastoral vocacional que busca jovens perfeitos está fadada ao fracasso... Nesse sentido, a reestruturação pode oferecer importantes possibilidades de recursos humanos, econômicos e de solidariedade.

Programas de formação mais participativos e focados no discernimento – O desafio em formar pessoas hoje em dia é muito grande e não se trata de uma tarefa fácil. Lidar o tempo todo com pessoas, dialogar, ouvir, oferecer conteúdos e ajudar a discernir é desgastante e, mais do que isso, trata-se de um trabalho que não se vê um retorno imediato. No passado a formação era massiva: a pessoa entrava na casa de formação, participava do programa de estudos, vivia a disciplina, professava e se ordenava. Hoje esse feito envolve uma dupla tarefa, visto que o formador tem que trabalhar o sujeito de forma personalizada e, em seguida, devolvê-lo e trabalhá-lo em conjunto com os demais (comunidade). As gerações atuais trazem novas questões aos formadores que as gerações passadas não tinham. Além do trabalho personalizado e comunitário coordenado pelos formadores, é importante repensar as formas de planejar os programas de formação. Impor um programa na casa de formação, decidido pelo Secretariado da Formação, sem envolver os formandos na preparação, pode ser menos trabalhoso, porém menos eficaz. Envolver os jovens no processo formativo é acreditar

neles e torná-los sujeitos desse itinerário, de modo que possam dar sua opinião e contribuir com suas próprias inquietudes sobre o mundo, sobre a sexualidade e a afetividade para serem trabalhadas. Então, como conciliar os conteúdos da formação, os quais não podem ser dispensados, para que os jovens possam dar sua opinião e torná-los mais importantes e atrativos? Isso requer um processo formativo dialógico, que escuta, enfoca a realidade e o discernimento, de modo a provocar os jovens para as coisas mais difíceis, afastando-os da passividade e expandindo seus horizontes de compreensão de mundo (*Const. 20*).

Conciliar carisma missionário e dons pessoais (autorrealização) – Ao longo do processo formativo a pessoa deve discernir que o carisma congregacional persiste no tempo, molda-se e se renova com o sopro do Espírito e pela leitura dos sinais dos tempos, mas não se adapta às pessoas. Caso contrário, não responderia à sua missão na Igreja. O carisma da Congregação não é cuidar de hospitais, nem de escolas, mas se um jovem que tem este carisma nos busca, esse deve ser ajudado a encontrar o seu caminho de forma consciente e acompanhado com alegria, pois ele encontrou a sua verdadeira vocação. No entanto, isso não significa que, em um dado momento, os superiores maiores, por uma exigência ou um projeto que responda às necessidades do carisma, não possam confiar a um confrade uma formação em medicina, educação ou outras áreas. É importante que quem exerce o papel de líder tenha uma visão e um conhecimento amplo dos confrades e busque conciliar o trabalho pastoral com os dons pessoais, um desafio, ajudando-os na sua autorrealização. Os protagonistas se devem, muitas vezes, a esse rigor em conciliar carisma e dons pessoais. Diferente é o protagonismo egoísta, no qual o indivíduo faz sua própria vida e se identifica como a missão (*la mission c'est moi*). O confrade que compreende o serviço da Congregação é capaz de colocar seus dons pessoais e se realizar sem se afastar do corpo missionário.

Consciência da formação contínua – Devemos ser humildes e reconhecer que uma das deficiências que temos na Congregação é a formação permanente. No contexto atual a formação básica em filosofia e teologia é muito pouco e requer constante atualização de nossa parte. Entendo por atualização constante a consciência e o interesse que cada um de nós tem por estar em dia com os desafios do mundo, buscando chaves para abrir distintos horizontes às questões que nos são apresentadas diariamente. Não se trata de uma formação especializada, essa é apenas um aspecto da formação permanente, mas de transformar informação em conhecimento (conhecer, refletir, meditar, rezar) para que seja útil para a vida e a missão.

A formação permanente não é apenas preencher conteúdos, mas possui também sua dimensão espiritual e mística. Em geral, as (V) Províncias oferecem um tempo anual de formação para os confrades e, nem sempre, isso é valorizado. A falta de formação permanente nos faz dar velhas respostas a novos problemas e isso nos acomoda e nos torna amantes do trabalho pastoral de manutenção. A formação permanente não nos dará todas as respostas, mas nos ensina que, se não a tivermos, ouvir qualitativamente já é uma grande resposta. Desprezá-la é pelo menos um pecado contra a pobreza! Se queremos uma formação inicial de qualidade, devemos

estar cientes de que, para isso, a formação permanente é fundamental, não só para os formadores, mas também para cada confrade.

Trabalhar a resiliência pessoal e grupal – Um dos pontos frágeis do nosso processo de formação inicial e permanente é o trabalho de resiliência e resolução de conflitos. Em geral, não estamos preparados para isso e, na maioria das vezes, um problema simples, que poderia ser resolvido em sua gênese, por meio do diálogo e do entendimento, ramifica-se e se torna mais complexo, gerando uma série de consequências pessoais e comunitárias. O conflito é antropológico, porém, passa por um processo educativo, quando se aprende a concentrar as energias em vista do bem comum. Atualmente, os consultores de *coaching* têm obtido êxito ao trabalhar essa questão em ambientes de trabalho, famílias, etc. Considerar esta realidade nas casas de formação e nas comunidades religiosas pode ser uma experiência de aprendizagem e também uma grande contribuição para a qualidade da vida comunitária.

Sou ciente dos limites deste texto, principalmente por não ter uma resposta para a situação que se apresenta. No entanto, estou convencido da importância em discutir esse tema de modo aberto e claro em nossas comunidades, sem medos, sem pessimismos, sem preconceitos, sem acusações, tampouco com indiferença. A fidelidade, como ato cheio de fé, a perseverança, a paciência, o desejo de fazer o melhor e o amor a Deus, à Congregação e ao Povo de Deus, ajudam-nos a tocar esta ferida com coragem e serenidade, como cirurgias que, para curar, têm que ter coragem, abrir o corpo, lidar com a dor, persistir, acompanhar e cuidar. A perseverança líquida em um mundo fragmentado levanta muitas preocupações, mas não deve nos desencorajar. Como corpo missionário devemos tomar nossa história em nossas mãos como uma história de redenção. “O primeiro testemunho que damos ao Redentor como religiosos consagrados é o de ler e assumir nossa própria história pessoal como história de Redenção Abundante.¹³” Nesta história de redenção estão presentes nossas memórias do caminho, o Caminho, os desânimos, as fraquezas, os fracassos, as cruces, as fidelidades e infidelidades, o desejo de fazer o bem e as ressurreições diárias, que nos ajudam a perseverar. Assumir a história de redenção é também assumir a história daqueles que partiram e dos que continuam com o desejo de responder às perguntas do Espírito, fonte sempre limpa do carisma.

Original: espanhol¹⁴

Tradução: Fr. Rimar Diniz, C.Ss.R

¹³ *Communicanda* 1 (2017), n. 2.

¹⁴ <http://www.cssr.news/spanish/2020/09/perseverancia-liquida-en-un-mundo-fragmentado/>

ANEXOS

Vide arquivo separado